

» Entrevista | PEDRO GUIMARÃES | PRESIDENTE DA CEF

Após bater recorde na concessão de crédito agrícola, executivo pretende ampliar programas de incentivo ao pequeno produtor

“Agro é fundamental para o país”

» CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA
ISADORA ALBERNAZ*

No comando da Caixa Econômica Federal desde o início do governo Bolsonaro, o economista Pedro Guimarães fez carreira nos grandes centros do Brasil. Natural do Rio de Janeiro, trabalhou durante 15 anos em São Paulo, coração financeiro do país, antes de se transferir para Brasília. E é na capital federal que Guimarães está levando a Caixa a uma fronteira até então inexplorada pelo banco estatal: o agronegócio. A instituição pretendia implementar em 2020 uma presença mais marcante no segmento, mas a pandemia de covid-19 determinou outras prioridades. Em julho de 2021, finalmente o banco entrou firme no campo. E começou a colher resultados: em menos de um ano, a Caixa saiu do oitavo para o segundo lugar no Plano Safra. Somente em maio, concedeu R\$ 6,1 bilhões em crédito agrícola. E pretende focar no pequeno agricultor, em conformidade com o papel social característico do banco. “O banco tem que ter lucro, mas precisa ser um lucro que converse com o papel social de um banco de todos os brasileiros”, disse Guimarães, durante entrevista ao CB.Agro, parceria do Correio Braziliense com a TV Brasília. Leia os principais trechos do programa.

A Caixa vem atuando fortemente no agro. Há um recorde para se comemorar?

Sim, nós crescemos 800% desde o início desta gestão. O que aconteceu é que, em 2019, focamos na reestruturação do banco. Iríamos começar em 2020, mas afi veio a pandemia, e a Caixa focou no pagamento do auxílio emergencial, dentre outros pagamentos. Começamos no Plano Safra em julho de 2021, foi a primeira vez da história que a Caixa entrou no Plano. Desde então, saímos do oitavo para o segundo lugar. Em alguns meses, tivemos uma originação muito próxima da do Banco do Brasil. Ou seja, a Caixa saiu de um segmento onde não existia foco. Hoje, o agro é um dos principais focos do banco.

O crédito agrícola concedido foi de R\$ 6,1 bilhões somente no mês passado. Como a Caixa chegou a esse valor?

Existem mais 12 bilhões na esteira para empréstimo. Em junho, devemos bater o recorde de maio. A nossa expectativa é, no segundo semestre, realizar operações pelo menos desse tamanho por mês. E o mais importante de tudo, nos segmentos de menor renda, em especial, no médio produtor. A Caixa continua com o crédito ao médio produtor de longo prazo, que é irrigação, parte de maquinário e armazenamento. A novidade, agora, é um crédito de médio prazo para o pequeno produtor, o Pronafiano (beneficiário do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar-Pronaf). A gente não fez isso ano passado porque, quando começamos, repassamos a maior parte desse recurso para outros bancos e cooperativas.

Basicamente, a Caixa passou a concentrar mais recursos e direcioná-los para o pequeno produtor.

Até o ano passado, o Banco

diretamente, exercendo esse papel social da Caixa.

Qual é a diferença entre as linhas de crédito do programa agrícola da Caixa? Qual é a abordagem delas?

O Pronaf é exatamente para os menores agricultores, com a menor renda, normalmente até 400 mil reais. Existe um financiamento de curto e longo prazo. Há um financiamento de capital de giro (um ano), e existe um financiamento de cinco, seis, sete, oito anos. Esses valores variam de acordo com o produto. O que acontecia: o nosso foco, quando nós emprestávamos, era no curto prazo. Mudou isso também.

Por quê?

O foco no curto prazo é mais arriscado. Se tiver qualquer problema climático, o pequeno produtor não vai conseguir pagar. Já se tiver um prazo e utilizar o dinheiro para investir no negócio dele, a chance de pagar é muito maior. Quanto à questão climática, nós temos o seguro operacionalizado pelo Banco Central. Neste segmento dos pequenos produtores, a Caixa e todos os bancos têm uma defesa contra algo fora do normal. Se tiver uma seca, uma enchente, nós recuperamos. Isso reforça a vontade e reduz o risco nesse segmento, que normalmente é o de maior risco.

E em relação ao médio produtor?

Nosso foco também é no longo prazo, silos e armazéns, correção de solo, irrigação, tratores e outros tipos de equipamentos. Novamente, nosso foco é emprestar oito, dez, doze anos, com dois anos de carência. Assim, os pequenos produtores conseguem tempo para se capitalizar. É um investimento que vale a pena, do ponto de vista da Caixa e do Brasil.

A Caixa tem uma linha de crédito específica, que não está incluída no Plano Safra, e atende a um público muito especial. Que linha é essa?

É o microcrédito agrícola. Ou seja, nós temos uma categoria de renda ainda inferior ao Pronaf. São as pessoas que acabaram de conseguir o título da terra. No total, já temos mais de 3

milhões de pessoas que receberam o microcrédito geral em três meses. Já somos a maior operação de microcrédito da América Latina. Agora, vamos começar no microcrédito agrícola, exatamente porque estamos abrindo nossas agências agro e utilizando nossos correspondentes bancários, que são mais de 9 mil pelo Brasil. Oitenta e cinco por cento do crédito imobiliário na Caixa é originado por esses correspondentes. O que estamos fazendo é utilizá-los também para originar o agro. Sabemos que esse público é o mais sensível de todos, porque não tem financiamento hoje. É onde queremos atingir.

A Caixa fez vários estudos antes de se lançar no microcrédito. Um dos lugares visitados foi Bangladesh, onde a operação foi desenvolvida com comunidades agrícolas...

Exatamente. Fomos a Bangladesh e ao Quênia. Estamos fazendo parceria com o Grameen Bank em Bangladesh, que foi o primeiro, há 50 anos, e com o Banco das Mulheres (Quênia). Também estivemos no México, Peru e Colômbia. Mas a operação, em especial em Bangladesh e no Quênia, é muito diferente em relação à América Latina. No Peru e na Colômbia, se a proxima da nossa (pelo celular), é mais um crédito pessoal. Já em Bangladesh e no Quênia, a maior parte é por grupos, que é o que queremos fazer no Brasil na parte do agro. Então, esse microcrédito do agro vai ser uma grande novidade para a Caixa porque vai se aproximar da dinâmica daquelas primeiras operações de microcrédito.

Por que adotar essa dupla abordagem, por meio do aplicativo Caixa Tem e pela presença física do banco em regiões onde o acesso à internet é deficiente?

Fizemos o pagamento para 42 milhões de brasileiros do FGTS em 30 bilhões de reais, tudo pelo aplicativo. Esses brasileiros tinham nas suas contas o depósito de até mil reais. Com a recente operação da Eletrobras, também foi pelo aplicativo. Oitenta e nove milhões de pessoas poderiam comprar ações da Eletrobras, e

Caixa Tem. Também é relevante porque, muitas vezes, ele viaja e só recebe no final das viagens. Então, essa antecipação permite que ele tenha o dinheiro, no mínimo, para o óleo diesel, sem ter que pagar as taxas de antes. (O Giro Caixa) era uma demanda grande, e tivemos uma resposta muito positiva.

O Brasil é uma superpotência agrícola, em um momento de importantes transformações na economia mundial. Nesse contexto internacional, como enxerga o crédito agrícola desenvolvido pela Caixa?

Esse é o posicionamento da Caixa: ajudar todo segmento. Nesse primeiro semestre, fizemos ao redor de R\$ 30 bilhões em crédito agrícola, com as menores taxas do mercado. Como utilizamos a nossa poupança, estávamos empréstmando a 10, 11% ao ano, enquanto os competidores estavam a 15% ou 16%. Então, olha o ganho que houve pela Caixa entrar. Não apenas porque há mais dinheiro para emprestar, mas a menores taxas. Onde, nesta gestão, a Caixa entra, nós temos as menores taxas: do cheque especial, do rotativo do cartão de crédito, do consignado para micro e pequenas empresas... E vai ser assim para o agro. Obviamente, quando você tem o Plano Safra ou alguns fundos específicos, vai ser a taxa que está lá. Mas, normalmente, a menor taxa vai ser a da Caixa, que ganha dinheiro, mas lembrando seu papel social.

Essa é a postura do governo em relação à Petrobras.

Eu não acredito em uma estatal que maximiza lucro pelo seu papel de monopólio sem pensar na parte social. A Caixa, no governo Bolsonaro e na minha gestão, equilibra. Tem lucros recordes, porém faz o que ninguém consegue fazer no microcrédito para pequena e média empresa e tem as menores taxas do cheque especial. Quando eu entrei, a Caixa cobrava quase 14% ao mês no cheque especial. Eu desconheço qualquer negócio que renda isso ao mês. Nós começamos a 1,8%, dependendo da questão do cliente. Nós sempre tentamos conservar as menores taxas, e tem que dar resultado positivo. O banco tem que ter lucro, senão não tem capital e não consegue estar em todos os segmentos. Mas precisa ser um lucro que converse com o papel social de um banco de todos os brasileiros.

É possível, então, obter resultados cumprindo um papel social.

Exatamente. A Caixa, historicamente, vem desenvolvendo muito isso, no sentido de sempre estar atenta aos brasileiros mais vulneráveis, que, muitas vezes, são excluídos dos grandes serviços e sistemas.

Por exemplo: quando perguntam por que estamos abrindo agências dada a revolução tecnológica, a resposta é simples: tem que visitar. Tem que conhecer o interior, em especial do Norte e do Nordeste. Quando se conhece, essa pergunta é óbvia: porque existem milhões de brasileiros que têm que viajar horas de barco, caminhão ou de cavalo. Perdem o dia inteiro e uma parte grande do seu dinheiro para chegar e pegar seu Auxílio Brasil.

É preciso, então, que o banco conheça essa realidade e veja de perto exatamente para atender as necessidades dessas pessoas?

Sem dúvida. E ainda tem outro ponto. Quando você conhece, tem o racional: por que você vai emprestar sabendo que ele não vai ter condição de pagar? Então, queremos emprestar, mas dando condições, para quem tem menos, de pagar.

* Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza



Eu não acredito em uma estatal que maximiza lucro pelo seu papel de monopólio sem pensar na parte social. A Caixa, no governo Bolsonaro e na minha gestão, equilibra. Tem lucros recordes, porém faz o que ninguém consegue fazer no microcrédito"

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITO
EDUARDO FABIANO ALVES DA SILVA - CPF/MF nº 099.811.077-94.
DECLARA, nos termos do art. 21, inciso II, da Circular nº 3.433, de 3 de fevereiro de 2009, sua intenção de exercer cargo de administração na CAIXA CONSÓRCIOS S.A. - ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS (em processo de alteração para "CNP CONSÓRCIO S.A. - ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS"), inscrita no CNPJ/MF sob o nº 05.349.595/0001-09.
ESCLARECE que eventuais objeções à presente declaração, acompanhadas da documentação comprobatória, devem ser apresentadas diretamente ao Banco Central do Brasil, por meio do Protocolo Digital, na forma especificada abaixo, no prazo de quinze dias contados da divulgação, por aquela Autorquia, de comunicado público acerca desta, observado que a declarante põe, na forma da legislação em vigor, ter direito a vistos do processo respectivo.
Protocolo Digital (disponível na página do Banco Central do Brasil na internet).

Selecionar, no campo "Assunto": Autorizações e Licenciamentos para Instituições Supervisionadas e para Integrantes do SPB.
Selecionar, no campo "Destino": o componente do Departamento de Organização do Sistema Financeiro - Deorf mencionado abaixo.
BANCO CENTRAL DO BRASIL - Departamento de Organização do Sistema Financeiro - Deorf - Gerência Técnica em Curitiba (GTCUR).
Brasília/DF, 21 de junho de 2022